

## O Amor e Outros Aspectos em Drummond\*

Linhares Filho

O livro que ora se lança em Fortaleza foi anteriormente lançado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, amada instituição, onde cursei o Mestrado e o Doutorado em Letras. *O Amor e Outros Aspectos em Drummond* foi ali apresentado ao público no dia 16 de maio deste ano, durante o Congresso Internacional "O mundo, vasto mundo de Drummond", quando também pronunciei comunicação sobre o assunto desse volume, que comecei a escrever no tempo de aluno de pós-graduação dessa Universidade. Vejam que esses fatos já impregnam a história desse livro de um marcante significado afetivo.

Tal significado aumenta com a base impressionista, que responde pela minha afinidade com a lírica drummoniana, levando-me a investigá-la sob os parâmetros rígidos do *new-criticism*, numa fase em que em nada diminuiu o elo de afetividade humana e intelectual com o poeta mineiro, antes se intensificou por conta de dez correspondências que recebi dele sobre minha poesia e os meus ensaios, as quais constituíam frutos não só da sua generosa atenção e cordialidade, mas também do seu responsável juízo crítico.

Apraz-me registrar neste instante a preocupação em forma de apreço ou de contestação que outros cearenses, além de mim, que cultuei Drummond em prosa e verso, têm tido com a obra e a personalidade literárias do autor de *Claro Enigma*. De Artur Eduardo Benevides existem os belos metapoemas "Saudação a Carlos Drummond de Andrade no seu Cinquentenário de Poesia" e "Elegia na Morte de Carlos Drummond de Andrade"; de Francisco Carvalho há o longo e belo metapoema "Ode Itabirana", composto de nove partes; de Roberto Pontes, "Ars Superandi"; de Horácio Dídimo, "No Meio do Caminho"; de Carlos Augusto Viana, "Soneto dos

---

\*Palavras proferidas no Ideal Clube, a 27 de junho de 2002, por ocasião do lançamento do livro sob esse título.

Possíveis Deslocamentos". Destaco as dissertações de Mestrado, com muita honra orientadas por mim, *Alguma Poesia: Foco da Poética de Drummond*, de Carlos Augusto Viana, e *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*, de Roberto Pontes, em que a poesia social de Drummond é avaliada. Distingam-se o estudo de Batista de Lima intitulado "Transdrummonidades" e as palestras nos Encontros Literários Moreira Campos, do Curso de Letras, coordenados por Carlos d'Alge, uma efetuada por Solange Kate, "Um Olhar sobre a Poesia de Carlos Drummond de Andrade", outra anunciada por Leão de Alencar Júnior, "Morte e Memória na Poesia de Carlos Drummond de Andrade". Sublinhem-se cursos ministrados no Programa de Pós-graduação em Letras da UFC por Horácio Dídimo, Roberto Pontes e Leão de Alencar Júnior e as monografias apresentadas em curso entre os vários por mim ali ministrados sobre o poeta da *Rosa do Povo*: a de Douglas Carlos de Paula Moreira sobre a morte em Drummond, a de Marclei Pinheiro de Aquino acerca do poema "Favelário Nacional", a de Fernando França Câmara a respeito da metalinguagem pictórica de Drummond e a de Francisco Carlos Carvalho da Silva sobre a aporia drummoniana.

Este é um dos momentos em que o Ceará de sol, de luz e de Poesia, o Ceará intelectual e artístico resolve homenagear a memória da maior figura da Poesia do Modernismo Brasileiro; é um dos momentos em que a terra dos Oiteiros, da Academia Francesa, do Clube Literário, da Padaria Espiritual, do Centro Literário, da pioneira Academia de Letras, do grupo Clã, do grupo Sin, do grupo Siriará, todos tão bem estudados por Sânzio de Azevedo, reverencia o maior nome da lírica da modernidade nacional. Este é um dos momentos em que a terra de poetas como José Albano e Juvenal Galeno, Antônio Sales e Cruz Filho, Pe. Antônio Tomás e Otacílio de Azevedo, Carlos Gondim e Júlio Maciel, Mário Linhares e Mário da Silveira, Jáder de Carvalho e Filgueiras Lima, Gerardo Melo Mourão e Antônio Girão Barroso, Aluísio Medeiros e Otacílio Colares, a terra de poetas como Artur Eduardo Benevides, Francisco Carvalho, Iranildo Sampaio, José Alcides Pinto e de tantas outras importantes expressões poéticas cultua os cem anos de nascimento do mais alto nome, no Brasil, da estética da consciência do fazer poético: Carlos Drummond de Andrade.

Como um dos grandes poetas da Língua Portuguesa e do mundo, versou Drummond os mais variados temas, penetrou os

mais díspares e sutis sentimentos da alma humana, alternando-se entre privilegiar o individual ou o coletivo, mas sempre sabendo interpretar o homem na sua condição, nos seus anseios, nos seus segredos, nas suas lutas por realizar-se. Dentro do Modernismo Brasileiro de Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Cassiano Ricardo, Vinícius de Moraes e João Cabral de Melo Neto, Drummond terá sido o que melhor soube valorizar a palavra, empregando-a com matizada gama de possibilidades, com potencialidade de emoção e convencimento para exprimir a trajetória existencial-ontológica do homem.

Foi a poesia tão alta desse poeta que me propus estudar nesse ensaio, que constitui um desafio na medida em que a obra do autor já se encontrava muito esmiuçada pela crítica. Pretendi visualizar pequenos ângulos um tanto inexplorados, sobretudo facetas de microestrutura para solução interpretativa. Há sempre a possibilidade de releitura de uma obra, tanto mais quando se trata de uma criação rica de significantes e significados como a de Drummond. Ademais, pretendo haver focalizado em profundidade os três últimos livros mais importantes do poeta, sobre os quais a crítica pouco se debruçou, e privilegiei o tema do amor, um tanto desprezado pelos estudiosos, e que considero de peso decisivo no projeto existencial-ontológico do poeta e, como tal, com influência determinante nos rumos da temática da poesia em questão.

Apesar do amor em Drummond mais freqüentemente atormentar do que consolar e, por fim, apresentar-se como um fantasma ao desencanto do poeta vivo-morto, o que fica repercutindo como lição existencial em resposta aos nossos humanos anseios é a lição drummoniana de que o amor é a "descoberta/de sentido no absurdo de existir" e, ainda, a afirmação da imortalidade desse sentimento universal particularizado no poeta: "O meu amor é tudo que, morrendo, / não morre todo, e fica no ar, parado."

Não esqueci outros aspectos da poesia de Drummond de Andrade como, por exemplo, a preocupação social, o culto ao cotidiano, a consciência do efêmero, da precariedade humana, o cultivo do telúrico, do memorialístico, do enigmático e sobretudo a valorização da palavra, objetivo supremo da poética em apreço.

Elegi o intrínseco literário como campo de investigação precípua, completado com o extrínseco contextual e utilizei o

método hermenêutico em sentido amplo e em sentido restrito, de leitura existencial-ontológica, combinada com o método estilístico.

Confiei a Odalice de Castro Silva a apresentação do meu livro, porque ela, com os conhecimentos teóricos e literários de discípula de Pedro Paulo Montenegro, mas também de estudiosa independente e criativa, a seguir caminhos próprios, pode ser considerada intérprete segura de intérpretes, ela que dedicou a sua preciosa tese de Doutorado sobre a crítica de Osman Lins aos que "lêem e interpretam os poetas com paixão e rigor." Cheia de paixão e rigor é que ela pesquisa, estuda, interpreta e leciona, impondo-se ao respeito e à admiração dos seus alunos e colegas, principalmente daqueles que, como eu, têm o desvanecimento de haver sido seus professores. De minha parte, tenho aprendido muito com ela desde o comportamento humano ao desempenho intelectual. Daí por que suas palavras, que contrabalaçam gentileza com seriedade, comoveram-me sobremodo e levam-me a apresentar-lhe o meu profundo agradecimento.

Agradeço ao Espírito Santo de Deus por haver-me dado o discernimento para exercer a missão de crítico a ponto de poder aproximar-me do anatomista, dissecador de corpos, sem renegar a inocência paradoxalmente atilada e nunca piegas de minha condição de cristão católico diante de certos textos materialistas como alguns de Drummond; por haver-me concedido a consciência de que todo saber provém do Altíssimo e de que não sou dono da verdade; enfim, por inspirar-me na epifania do sentimento solidário de Ser-com-os-outros.

Manifesto gratidão também ao Conselho Editorial da UFC representado pela figura sensata de seu Presidente, Prof. Ítalo Gurgel, a toda a equipe da Editora e da Imprensa Universitária da UFC, coordenadas respectivamente pelo editor Luiz Falcão e pelo diretor Geraldo Jesuino, que em tempo recorde editaram meu livro sem desdouro da qualidade gráfica, para que eu pudesse lançá-lo no Congresso drummoniano do Rio de Janeiro. Ao artista plástico Jesuino agradeço outrossim a capa magnífica que concebeu para o meu livro.

Meu reconhecimento ainda ao articulista e poeta Carlos Augusto Viana do *Diário do Nordeste* e à repórter Ana Mary, de *O Povo*, à jornalista Fátima Leite, da Rádio Universitária, à produtora Malu Nogueira, da *TV Diário*, aos colegas Roberto Pontes, Elizabeth Dias e aos intérpretes do Grupo Verso de Boca, à Prof<sup>a</sup>.

Mirian Carlos Moreira de Souza e à maestrina Rebeca Fermanian de Castro Araújo por suas importantes contribuições em torno do livro que ora publico.

Especial agradecimento meu ao Ideal Clube nas pessoas do seu presidente, Dr. Luiz Aramicy Bezerra Pinto, e do diretor de Cultura, Dr. José Teles, por abrigar a presente festa de lançamento editorial. Às autoridades, amigos, parentes e conterrâneos, minha gratidão por seu comparecimento a este evento de tanta significação em minha vida.

Meus amigos, sinto que este é um momento mágico, pleno de espiritualidade e de enlevo, em que a poesia e a música se harmonizam para proclamar a importância dos valores da alma contra a violência de um mundo materializado e opressor.

Pretendi congregar nesta noite a família espiritual de Carlos Drummond de Andrade no Ceará para homenageá-lo: os cantores, estudiosos e leitores de sua obra em torno de uma mesa como aquela do seu famoso poema comemorativo dos noventa anos de seu pai, poema em que ele reuniu imaginariamente para um banquete a sua família de sangue. Imagino que a figura luminosa do alto poeta nos visite com a sua aura de sonho e verdade para uma refeição comemorativa dos cem anos do seu nascimento, e permitam-me que me dirija ao insigne itabirano, ao Fazendeiro do Ar:

*Posta a mesa do centenário,  
jantemos juntos à mineira.  
Como num bródio imaginário,  
pressinto ver-te à cabeceira.*

*No jantar a ti ofertado,  
não há de a mesa estar vazia  
como a do texto no passado.  
Enche a de hoje tua poesia.*

*Teus leitores são os convivas  
que, pela mente e o coração,  
privam contigo, dão-te vivas  
e os teus poemas consumirão.*

*Viva a Poesia!*